



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

24 de outubro de 2026

A TORRE

WARDI

de Mats Grorud, 2018



Realização e argumento: Mats Grorud. **Montagem:** Anders Bergland, Karsten Meinich, Silje Nordseth e Margrete Vinnem. **Direção de arte:** Rui Tenreiro. **Assistente de realização:** Pierre-Luc Granjon e Hefang Wei. **Música original:** Nathanaël Bergese. **Vozes:** Zaïra Benbadis, Behi Djanati Atai, Zélie Chavignac e Yasmina Maïza. **Direção de produção:** Nicolas Flory. **Produtores:** Patrice Nezan, Frode Søbstad, Laurent Versini e Annika Hellström. **Cópia** digital, falada em árabe, legendada em inglês e português. **Duração:** 74 minutos. **Estreia mundial:** 16 de novembro de 2018, Noruega. Estreia em Portugal: novembro de 2029

No próximo dia 15 de maio de 2027, completam-se 79 anos da *Nakba* (a Catástrofe), o dia em que começou o processo de expulsão em massa dos palestinos da sua terra natal pelas forças israelitas. Cerca de 750 mil pessoas tiveram de abandonar as casas e terras, e recomeçar a vida em campos de refugiados na faixa de Gaza, na Cisjordânia e nos países vizinhos: Líbano, Jordânia e Síria. Ao longo dos anos, e de uma esperança no retorno cada vez mais longínqua, muitos destes campos foram-se transformando em cidades. Bourij el-Barajneh, localizado no Líbano, é um desses 68 campos e nele vivem atualmente 18 mil palestinos.

Poderíamos pensar que com este parágrafo sucinto ficávamos com informação suficiente sobre a *Nakba* e as suas consequências trágicas, mas o realizador norueguês Mats Grorud mostra-nos que não. Viveu como voluntário no campo Bourij el-Barajneh durante um ano, fez

amigos, trabalhou com as crianças e recolheu histórias — e decidiu mostrar-nos o que viu e ouviu sem recorrer a pessoas reais, optando antes por uma animação que combina a técnica de *stop motion* com desenhos animados e fotografia. Contou com o animador moçambicano Rui Tenreiro para desenvolver o universo visual das memórias em *flashback*. Demorou oito anos a realizar esta sua primeira longa-metragem. E provou que, com o cinema, opera-se uma magia: com arte e sensibilidade, as nossas emoções são capturadas; sem percebermos como, somos levados por uma criança, a Wardi (representada por um boneco), a percorrer os interstícios de ruas estreitas e casas precárias, a subir as escadas íngremes dos prédios, a ouvir as conversas nos becos, a penetrar no calor familiar e a reviver longínquas memórias, como se fossem nossas. A partir desse momento, o vínculo está completo e já não há forma de nos desvencilharmos dos traumas e alegrias vividos por uma comunidade fechada num círculo e em luta diária por um futuro digno, sem esquecer o passado e o lugar de onde vieram. Estamos com eles, sentimos com eles. E ficamos a saber muito mais: que a cada ano que passa e a população cresce, as casas se vão transformando em torres cada vez mais altas e esguias para acomodar mais famílias; que em 1982 o campo de refugiados foi bombardeado sem misericórdia; que se criou entre os jovens uma mobilização para a revolta, na sua melhor e pior forma; que o amor, os sonhos, e as alegrias se celebram como em toda parte, brinca-se, dança-se e faz-se pose para a fotografia, mesmo que em cima de destroços ou debaixo de um tecto arruinado.

No verão de 2019, o realizador voltou ao campo Bourij el-Barajne e mostrou o filme A TORRE à comunidade. Seguiram-se visionamentos em vários outros campos de refugiados palestinianos – Al Jalil, Baddawi, Bourj el Barajne, Bourj el Shmali, Ein el Hilweh, Al-Am’ri, Dheisheh e Al-Jalazon... As reações foram comoventes e os depoimentos das crianças multiplicaram-se¹: “Nós não sabíamos exatamente o que nos tinha acontecido, e o filme ensinou-nos muito.” “Cada nova geração representa a nossa esperança de voltar.” “Os nossos familiares e avós estão mortos, embora tivessem sonhado que regressariam.” “O meu avô estava sentado cá fora com amigos quando chegaram os soldados e prenderam-nos. Não puderam levar nada. No dia seguinte vieram para aqui, para o que passou a ser o campo Dheisheh. A população tem crescido e foi assim que o campo nasceu.” “Gosto quando a Wardi pergunta aos seus avós o que aconteceu. Ela tinha uma grande vontade de saber; ela queria ajudá-los.” “Quando eu era pequenina, estava em casa dos meus avós e vi uma chave pendurada. Peguei nela e perguntei-lhes do que era. ‘É a chave da nossa casa’, responderam. ‘Trouwemo-la para que a causa palestiniana passasse para vós e não fosse esquecida’. “Temos a chave da nossa casa. Quando a Palestina for livre, esperamos voltar para lá.” “Eu gostava de dizer à Wardi para ser paciente e que desejo que seja feliz.” “Eu quero agradecer à Wardi pelo que ela fez, é um filme muito bonito.” “Eu gostei de quando o avô lhe contou sobre a casa e lhe deu a chave, para que ela nunca esquecesse e não perdesse a esperança de voltar.”

Hoje há mais de 6 milhões de refugiados palestinianos espalhados pelo Médio Oriente, e um pouco por todo o mundo. Centenas de milhares continuam a guardar e a transmitir as suas chaves de casa, de geração em geração. Quem sabe um dia...

Isabel Novais | Cinemateca

¹ <https://www.cartoonbrew.com/feature-film/interview-mats-grorud-on-bringing-animation-to-a-palestinian-refugee-camp-181938.html>